

AFETOS E DIÁLOGOS NOS COMENTÁRIOS DE FARIA E SOUSA A *OS LUSÍADAS*: A VIAGEM DO GAMA EM PERSPETIVA

Maria Teresa NASCIMENTO*

■ **RESUMO:** Alguns anos após serem publicados os Comentários de Manoel Correia (1613), vêm as *Lusiadas de Luis de Camoens comentadas por Manuel de Faria e Sousa* (1639) reforçar e complementar o trabalho pioneiro do primeiro Comentador. A escassa distância que separa estas duas obras, se é significativa quanto ao interesse consagrado à epopeia, é também reveladora de que a excelência do poema justificava que, na esteira de outros autores como Donato ou Sérvio, por exemplo, que haviam comentado Virgílio, também agora Camões recebesse igual reconhecimento, pela pena de Faria e Sousa. Ditava-o, mais do que o interesse individual do Comentador, a certeza de que a receção da epopeia seria favorecida com a sua leitura exegética. Na verdade, a interpretação, a tradução, a pesquisa filológica e o cotejo com fontes diversas, com relevo mais ou menos acentuado, assumiam proporções notáveis, podendo desempenhar um importante papel de difusão da obra dos autores comentados. Guiados pelo temário deste Congresso, escolhemos dois dos seus termos: afetos e diálogo. Com o primeiro, analisaremos a começar, a relação que se estabelece entre o Comentador e o texto comentado ou com o autor deste, Luís de Camões, para depois partirmos para uma análise intratextual dos afetos, tal quais eles se patenteiam ao longo da viagem do Gama. Quanto ao diálogo, ele será observado no âmbito da rede de interconexão de textos que afluem a *Os Lusíadas* ou deles derivam.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Os Lusíadas. Faria e Sousa. Afetos. Diálogo, Viagem do Gama.

Afetos e Diálogos

Os Comentários de Manuel de Faria e Sousa a *Os Lusíadas* representam um dos momentos mais altos da exegese camoniana, inscrevendo-se numa das linhas de investigação do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

* Universidade da Madeira. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Funchal – Ilha da Madeira. 9000-082 - mariatn@staff.uma.pt

Guiados pelo temário deste Congresso, escolhemos dois dos seus termos: afetos e diálogo que examinaremos à luz dos Comentários de Faria e Sousa.

Com o primeiro, analisaremos, a começar, a relação que se estabelece entre o Comentador e o texto comentado ou com o autor deste, Luís de Camões, para depois partirmos para uma análise intratextual dos afetos, tal qual eles se patenteiam ao longo da viagem do Gama. O diálogo será observado no âmbito da rede de interconexão de textos que afluem a *Os Lusíadas* ou deles derivam.

“Mi Poeta”

Alguns anos após serem publicados os *Comentários* de Manoel Correia (1613), vêm as *Lusíadas de Luis de Camoens comentadas por Manuel de Faria e Sousa* (1639) reforçar e complementar o trabalho pioneiro do primeiro Comentador. A escassa distância de pouco mais de duas décadas que separa estas duas obras, se é significativa quanto ao interesse consagrado à epopeia, é também reveladora de que a excelência do poema justificava que, na esteira de outros autores como Donato ou Sérvio, por exemplo, que haviam comentado Virgílio, também agora Camões recebesse igual reconhecimento, pela pena de Faria e Sousa.

Ditava-o, mais do que o interesse individual do Comentador, a certeza de que a receção da epopeia seria favorecida com a sua leitura exegética. Na verdade, a interpretação, a tradução, a pesquisa filológica e o cotejo com fontes diversas, com relevância mais ou menos acentuada, assumiam proporções notáveis, podendo desempenhar um importante papel de difusão da obra dos autores comentados.

Uma das maiores evidências dos Comentários a *Os Lusíadas*, levados a efeito por Faria e Sousa, é o modo como ali sobressaem as expressões de afeto para com o Épico.

A identificação do Comentador com o autor que comenta fica marcada desde o Prólogo, lugar inaugural para a declaração de uma intensa inclinação afetiva para com o Poeta, marcada por diferentes e insistentes formas de expressão de arrebatamento perante a grandeza poética de Camões:

“ponderamos con afecto que puede parecer mucho, la grandeza del P. porque siendo èl tan mal entendido de unos i tan calumniado de otros, es fuerça que el comento tenga vezes de Apologia, y della es proprio el cortar talvez com poca piedad por castigo de la ignorância i repetir elogios del P. por defensa, i prueba de su ingenio, estúdio, i grandeza de pensamiento, i misterio.” (SOUSA, Prologo, X, 12B, 1639)

É também desde o Prólogo que um tratamento de natureza intimista orientará o discurso do Comentador. O possessivo da primeira pessoa do singular, que muitas vezes acompanha a designação do Poeta (“mi Poeta”), estabelece entre os dois

sujeitos relações de inegável pertença que o possessivo “nosso” supõe ampliar ao universo dos leitores.

Estes laços são intensificados por um grau de dependência do Comentador para com o Poeta, assim expressa: “Assi puedo dezir, que estoy agora viviendo de Luis de Camoës, i que el solo es mi mantenimiento, como se dezia que lo eran de Alexandro las obras de Homero (...)”. (*idem*, Prologo, II, 4A), afirmação produzida sobre o trabalho de comentário que esta metáfora de natureza orgânica ajuda a visualizar.

A conformidade entre os dois sujeitos — Poeta e Comentador — é de tal natureza que chega ao ponto de neles se encontrar um destino semelhante. De facto, Faria e Sousa estimará, a propósito do escólio à estrofe LXXXI, do Canto VII, que o desfavor a Camões é semelhante ao seu — “(...) esta armonia entre los dos (...)”. (*idem*, 355C, Tomo III).

Nesse mesmo sentido se faz, aliás, também, o “Elogio al Comentador” que vê, em muitas ocasiões, semelhanças entre o Poeta e o Comentador: aproximam-nos as origens (VEGA, § XXIV), o desfavor e o génio (§ XXVI).

A expressão da afeição endereçada ao Épico português acompanha, então, o tom apologético escolhido pelo comentarista como forma declarada de compensar e de contrariar críticos, calúnias e mal-entendidos que tivessem como alvo o seu Poeta. Como uma espécie de reduto inexpugnável contra os detratores, se apresenta também o “Juizio del Poema”, uma reflexão sobre as sete perfeições contidas no poema heroico, vendo-se *Os Lusíadas* cumprir a totalidade, conforme o comprova o Comentador. Os defeitos presuntivos, a existirem, só poderiam permanecer despercebidos em trabalho tão excelente.

A glorificação de Camões fã-la-á, também, Faria e Sousa em detrimento dos seus próprios merecimentos enquanto Comentador, estimando não se encontrar à altura de um Poeta tão maravilhoso:

“Grandes lances de hermosas explicaciones se pierden en un Autor maravilloso como este, quando el que lo comenta, no le iguala en ingenio para igualar con la explicacion el texto, como a mi me sucede: porque en algunas estancias me hallo sin fuerças para explicarlas i com dolor de que se queden sin dignissima explicacion, i lo peor es quãdo las entiendo màs, porque entonces me atrevo menos (...)” (SOUSA, C. III, est. CXXI, 180B, Tomo II).

Num outro momento, Faria e Sousa afirma mesmo não poder comentar o verso e guarda silêncio perante tamanha sublimidade. (*idem*, C. III, est. LVI, 90 C, Tomo II).

Mas o caso de Faria e Sousa não é comparável ao de outros Comentadores, desprovidos de habilidade e génio para compreender o Poeta. Faria e Sousa

compreende Camões e quanto mais ele o entende, mais se recrimina por não estar à altura da sua sublimidade.

Às vezes, a defesa do Poeta parece roçar a ironia. E Faria e Sousa prefere falar em “crimes”, declarando que quer “limpar” o que tem sido apontado como culpa em Camões, como o choro de Baco, objeto de recriminação, por se tratar de um deus masculino (*idem*, C. VI, est. XXXIII, 72E, Tomo III).

A apologia, passando, pois, pela descriminação do Poeta no que diz respeito às críticas imerecidas, vai agora orientar-se em direção a juízos de valor em torno do *ethos* camoniano. Faria e Sousa elogia o Poeta, ou o Filósofo, como muitas vezes lhe chama, pelos seus méritos como católico, cristão, sábio e engenhoso. As duas primeiras características, mencionadas repetidamente, servem, na opinião do Comentador, para mostrar que as opções de representação ou convívio entre paganismo e cristianismo não impedem as convicções religiosas de Camões. Por outro lado, a feliz reunião da sabedoria e da genialidade foi conseguida apenas por Homero, Virgílio e Camões (*idem*, CX, est. CLIV, 599D, Tomo IV), uma descoberta que coloca o Poeta no pedestal dos grandes modelos greco-latinos e exalçam a sua glória.

Douto, sábio, erudito, industrioso, engenhoso são adjetivos repetidos até a exaustão, às vezes sob uma forma superlativa. Advérbios da mesma família culminam declarações laudatícias que refletem a admiração e homenagem do Comentador a um Poeta que em simultâneo é capaz de elevar o seu canto à leitura de “iluminados” e ao “grande número”, o vulgo:

“Allano me a confessar, que Luis de Camões no escreveu solamente para el vulgo, sino tambien para los doctos profundamente. Porque el varon grande há de escribir para todos, sin darse a entender a todos com igualdad, que esto es para bestias.” (*idem*, C. VI, est. LXXXVI, 178A, Tomo III)

Esta particularidade, que não pode deixar de nos fazer pensar em Horácio e numa das questões fundamentais da poética clássica, sobre a qual também percebemos a posição de Faria e Sousa, leva-nos a outra a da aliança entre o *docere* e o *delectare*, encontrada em uma imensidão de situações da epopeia, sendo o autor da *Epistola ad Pisones* negado pelo *odi profanum vulgus et arceo* e imitado pelo *aut prodesse aut delectare*. “

São múltiplos os passos em que o Poeta insiste no concurso entre o *utile* e o *delectare*, como neste outro ainda em que se afirma que “la invencion Poetica no obriga a que en todo se acomode: porque como hemos dicho otras vezes, unos son lo dulce, i otros lo provechoso della, como aconseja Horacio.” (*idem*, C. IX, est. L, 127B, Tomo IV).

O Poeta é desde cedo apresentado como aquele que a todos excede no génio, nos estudos e na curiosidade, relacionados com o grande amor “profundo e excelente”

à Pátria, que só Homero e Virgílio igualaram (*idem*, Titulos y Argumento General del Poema, 134D) e, por esse motivo, a sua poesia tornou-se excelente, cantada por um Poeta divino (*idem*, C.VI, est. VIII, 20B, Tomo III). De todo o Canto X, o Comentador dirá que ele é cantado por uma grande fúria poética, como se todas as estrofes estivessem fora da boca de Apolo (*idem*, C.X, est. VII, 311A, Tomo III). Génio, fúria poética, a ciência divina, aliada ao material de qualidade sublime, tornam misteriosa a poesia – e o mistério repete-se no léxico de Faria e Sousa – alguns lugares do poema, exigindo a leitura hermenêutica do Comentador que se recusa a perder tempo com assuntos menores:

“Hagalo otro Comentador de baratijas, i assumptos inutiles, que yo comento un hombre grande enteramente, en assumpto dignissimo, grave, i soberano que no admite çarandajas.” (SOUSA, C. IX, est. LXIII, 183A, Tomo IV).

Para exprimir as qualidades do estilo do poema, é variado o léxico de Faria e Sousa: alto, alto sem ser altivo, elegante (tendo como referência a brevidade), sem prolixidade, claro, excelente (falando de verso em particular), diligente, cuidadoso, vigilante, terno, etc.

A elevada qualidade do exercício poético atinge-se ainda pela simbiose perfeita entre significante e significado, com a sonoridade do verso a traduzir de forma magistral a imagética da palavra. Atente-se no seguinte excerto:

“Es pesado este verso, como la propia ancora; i del modo que ella pega en el fondo, pega èl en la lengua: assi porque las quatro palabras de que consta son de sonido pesado (...) la pronunciacion que es la violẽcia entre la ancora, i la agua, industria benemerita de la elegancia, destreza, i estúdios del P.“(...)”(*idem*, C.II, est. LXXXIII, 500E, Tomo I)

b) *Firmando sus amistades*

Com o comentário anterior, referente ao momento em que a gente melindana acorre a receber a armada lusitana, estabelecemos a transição para um outro plano, o da observação dos afetos a que agora procederemos, dentro da economia narrativa da viagem do Gama, depois de termos apresentado, de forma ampla, o modo como o Comentador se posiciona face ao texto que comenta e ao seu autor.

Ditados pelo acaso, ou pela premeditação, os encontros, mais demorados ou momentâneos entre os portugueses e os locais visam dar resposta a necessidades imediatas, como sejam a informação certa sobre a demanda do caminho marítimo para a Índia ou o início do estabelecimento de alianças que venham depois a frutificar em alianças duradouras.

Nos casos que agora analisaremos, a palavra amizade é comum, interessando-nos refletir sobre os contextos em que ela surge e que atenção lhe concede o Comentador.

Começando pela passagem dos navegadores por Melinde, importa recordar que através de Mercúrio, como representação do Anjo (assim o interpretando o Comentador nas estrofes LVIII e LXXV, do Canto II), a Fama havia predisposto o ânimo do Rei pagão a uma recepção calorosa às gentes que vinham cansadas da longa viagem, almejando por um porto amigo e por novas certas da terra que buscavam.

Ao “embaixador” enviado, Fernando Martinez, que Faria e Sousa assim continuará a nomear, porque desse modo o faz o Poeta, mesmo sabendo que Damião de Góis o identifica como Martim Alonso, caberá estabelecer os primeiros contactos diplomáticos com o rei melindano para os quais se faz acompanhar de alguns presentes, como agradecimento pelos já recebidos. Sobre estes, além da habitual paráfrase, o escólio realça a coincidência com vários lugares de Homero, Virgílio, Sannazzaro e Bernardo Tasso. (*idem*, C.II, est. LXXVI, 503-504, Tomo I).

Realce-se a muito bem conseguida explicação do Comentador para a expressão facial do Rei, aos primeiros contactos, a “risonha vista” (*idem*, C.II, est. LXXXVI, 514 A-C, Tomo I), através de elementos comparativos com a Natureza, mas também da referência ao modo como se transfere somaticamente a alegria, primeiro do coração, para a boca, e desta para os olhos. Testemunho de sinceridade de quem pretende tranquilizar as gentes que de remotas paragens ali chegam é o que o Comentador aqui explicita, a corroborar a anterior menção ao “peito sincero” a que alude a estrofe LXXXII, ainda no mesmo Canto.

A verdade e pureza de coração parecem ser o garante seguro para o passo seguinte, já no Canto VI, aquele que confirmará a amizade entre os dois povos, expressando-se, antes, as reações do rei à narrativa de Vasco da Gama, a confirmar os justos merecimentos das Gentes Lusitanas.

Na 1ª oitava do Canto VI, o Comentador realça o grande desejo, mas também a dificuldade que sente o Rei Pagão em saber como agradar às “gentes tão possantes”, um juízo de valor que o Comentário, numa leitura plausível, que não explica, atribui ao governante hospitaleiro. Assim o interpreta Faria e Sousa.

É de notar ainda que o Comentador não perde nunca o ensejo de exaltar a excelência do verso. Mesmo perante aquilo que reconhece ser a vulgaridade da expressão “Não sabia o Rei em que modo festejasse”, logo prontamente, e atalhando-se a si mesmo, vem afirmar que termo tão “luzido” não ficaria melhor em nenhum outro lugar, neste que é um Canto de tão elevada poesia que bastaria para celebrar o Poeta.

O rei pagão e benigno estabeleceu as bases para uma amizade profunda com os portugueses. Ao Comentador caberá, desfazendo o paralelo com Eneias, afirmar que Gama o excedeu. Ao invés da inimizade que Dido votará ao Troiano e aos seus, ficará provada a grandeza do Capitão português que soube favorecer a “amistad

durable” com o Rei de Melinde. (*idem*, C. VI, est. III, 7 D, Tomo III). Ainda assim, é de novo à *Iliada* (tantas vezes ela presente!) que o Comentário voltará para encontrar semelhanças com o vínculo que ali assinala as pazes estabelecidas entre o rei Latino e os Troianos. N’*Os Lusíadas*, “Firmando sus amistades” estarão o Gama e o rei hospitaleiro (C. VI, est. V, 9B, Tomo III).

Na estância IV que encerra as despedidas do rei melindano, o comentário chama a si as emoções que o verso deixou por dizer e alarga-se na expressão da pena, do apartamento, no desejo da reciprocidade do reencontro e traz ao escólio a metáfora do coração a saltar pela boca, ampliando o sentido da própria estrofe. Mas faz mais ainda: direciona o leitor para uma leitura pausada, demorada, a sugerir o mistério que o poema não diz.

c) *Un Moro (...) que les era aficionado*

Acompanhada, a partir de agora, de um guia seguro, a armada pode seguir diretamente, rumo à almejada meta. Na Índia, já, o encontro com Monçaide, assim nomeado desde a estrofe XXVI, do Canto VII, poderia auspiciar o início de uma aliança frutífera no destino alcançado, algo que, por ora, só o leitor pode intuir, sem que o Poeta ou o Comentador o indiquem.

São vários os fatores que podem explicar a aproximação e consequente amizade entre Monçaide e os portugueses, sendo de destacar a língua de comunicação e a vizinhança geográfica dos povos que representam.

Até este ponto da viagem, fora necessário o recurso ao “língua”.

Agora, é a língua hispana aquela que os portugueses ouvem falar a Monçaide – como tal a haviam identificado Barros e Castanheda, dissipando, segundo Faria e Sousa, o que poderia em *Os Lusíadas* afigurar-se como uma invenção, mas nem por isso escusando explicações do Comentador face a eventuais críticas ao Poeta por assim se haver referido à língua falada pelo Mouro. O certo é que se afigura difícil, como defende o Comentador, a quem oiça um estrangeiro falar determinada língua, conseguir distingui-la de outras da mesma família, como no caso das existentes na Hispânia. A um nativo português, por exemplo, tornar-se-á quase indistinto o português e o castelhano, quando falados por um estrangeiro.

A justificação afigura-se-nos de tom premonitório: como se o Poeta pudesse saber à data de composição d’*Os Lusíadas* que destino haveria de ter o seu Reino, o Comentador arrisca dizer que Monçaide falava castelhano, negociando-se nessa língua, porque assim viria a ser Portugal. E nas considerações seguintes, sinteticamente enunciadas, se entende ter sido esse o destino natural de Portugal e haver bom entendimento das duas línguas e dos seus negócios¹.

¹ Estas reflexões situadas entre as estâncias XXV e XXIX não podem deixar de nos lembrar outros momentos em que Faria e Sousa nos Comentários reflete sobre a necessidade de bem dominar a sua

Sucedem-se as manifestações de alegria e instaura-se a confiança entre as partes, fortalecida pelos laços acima declarados, garante da fixação do vínculo duradouro da “longa amizade” – expressão igual à que havia já sido usada pelo Poeta, para certificar o que ficara a unir o Rei melindano à gente portuguesa (*idem*, C. VI, est. III, 7D, Tomo III). Agora, o Comentador referindo a mesma expressão (*idem*, C. VII, est. XXVIII, 256B, Tomo III), fala de como o Poeta neste e noutros lugares usa a “voz longa”.

O Poeta arriscará colocar na boca de Monçaide desígnios divinos que poderiam explicar a chegada dos portugueses ali e ao Comentador caberá anotar como a opção no verso, pelo termo “divino”, deixava aberta a possibilidade da sua aplicação generalizada. Na estrofe XXXI, do Canto VII, aquilo que faz o Comentador é explicar-nos que as palavras de bom acolhimento de Monçaide e a convicção de que Deus pretende algum serviço dos portugueses afinal foram transferidas de outro lugar: “Assi felizmente anda el P. barajando lugares” (C. VII, XXXI, 261D). Na verdade, apoiando-se em João de Barros, comprova que foi em Angediva que tais palavras foram proferidas e, por um Judeu.

É em contexto de hospitaleiro acolhimento em casa de Monçaide que há lugar para a partilha da refeição com os portugueses, uma prática que noutros momentos d’*Os Lusíadas* não ocorrerá por não o permitir a religião professada pelos locais, mas que no caso em apreço regista uma amizade que, agora iniciada (*idem*, C. VII, est. XXVIII, Tomo III), parece vir de muito longe.

Instaurada a amizade desde o primeiro instante, Monçaide é, na Índia, o aliado inegável dos portugueses — “Un Moro (...) que les era aficionado” (*idem*, C.IX, est. V, 8E, Tomo IV) — e a ele se deverão os avisos de proteção e cautelas a observar contra as insídias daqueles que na Índia temiam ver abalados os seus interesses comerciais.

A este vínculo afetivo não parece ser estranho o influxo divino que impende sobre Monçaide e que virá a culminar com o seu batismo ulterior, recebendo o nome de Gaspar de Gama, algo que a epopeia não diz, mas que o Comentador revela (*idem*, C.VII, est. LXVII, 328A, Tomo III). Anteriormente, sobretudo na estrofe V, do Canto IX, já o escólio havia lembrado lugares bíblicos marcados pelo arrependimento ou conversão, como sejam o caso do ladrão Dimas ou de Raabe (*idem*, 9C-E). A conversão de Monçaide ficará a atestar a mais importante conquista dos portugueses no Oriente: o “Prologo a la Cristiãdad de la India: i el gran Vasco de Gama el primer plantador della”. (*idem*, C. VII, est. XXXI, 261E,

língua, a portuguesa, de extraordinárias virtualidades e capacidade de adequação a diversos usos. Igualmente importante é o conhecimento que se preconiza relativamente aos diversos idiomas. Na oportunidade, o autor justifica a redação da obra em castelhano. Teria, deste modo, o Épico uma maior divulgação – é certo, mas nem assim Faria e Sousa escaparia a críticas de detratores, num período que era ainda o da monarquia dual.

Tomo III), mesmo não sendo bem-sucedida a aliança com o Samorim, como já a seguir veremos.

d) “Acuerdos, i uniones de paz, i amistad verdadera sin doblez”

É ainda na Índia que outro tipo de amizade tenta instaurar-se, não nascida como a anterior numa empatia natural, mas antes ditada por motivações de cariz político-diplomático. É este “vínculo” de amizade do qual se esperam vantagens mútuas que propõe o Gama ao Samorim. (*idem* C. VII. Est. LX-LXII, Tomo III).

Ao Comentador caberá realçar a grandeza dos três envolvidos neste processo: o embaixador e a forma elevada como ele se exprime, D. Manuel e o Samorim, cujas glórias se repercutem a Oriente e Ocidente. A amizade é um vínculo, um nó. É sagrada e nua. Tal é a definição do Poeta e tais os atributos, sobre os quais discorre o Comentador. Sagrada, porque verdadeira; nua, porque desprovida de artifício. Uma nota pessoal de Faria e Sousa mostra-o descrente da amizade que experimentam os que usam de franqueza. E quanto à amizade que se propõe firmar-se entre os dois soberanos, o Comentador parece sugerir que ela possa não vir a suceder por causa de quem não tem fé, numa clara alusão ao paganismo do Samorim (*idem*, C. VII, est. LXII, 320 C, Tomo III).

Para representar a igualdade e partilha inerentes à amizade, o Comentador recorre à simbologia das três Graças. Com esta amizade que Gama solicita, destaca o Comentário que mais não pretendem os portugueses do que a glória da descoberta de novas terras e a expansão da fé, insistindo no grande proveito que granjeará o Samorim, lembrada que é neste passo a sua faceta interesseira que havia sido revelada por Monçaide. (*idem*, C. VII, est. LXII, 321C, Tomo III).

Ainda na oitava seguinte, continuando a dissertar sobre as cláusulas desta amizade, que incluem a promessa de socorro português na adversidade, o Comentador, antecipando algo que apenas na epopeia se saberá no C. VIII, deixa perceber como a embaixada do Gama sairá frustrada nesta sua missão, mas como tantas vezes vai sustentando ao longo do escólio, insistirá no favor divino que assim disporia que pelo rei de Cochim viesse, mais tarde, a obter-se o intento almejado.

Nesta mesma estrofe, o leitor poderá, querendo, saltar até ao C.VIII, est. LXXII, onde presenciará a exteriorização da falta de confiança do Samorim nos portugueses, em que muito pesou a nefasta influência dos que o rodeavam ou a quem ele consultava. Desagradado pela insignificância dos presentes que lhe foram ofertados, e que Faria e Sousa detalha, a partir de Castanheda, explicando, ainda, que a sua inadequação advinha do desconhecimento da natureza do interlocutor, necessário se torna que Vasco da Gama de quem o Comentador exalta o poder de palavra, faça a defesa firme do seu Rei e do valor das suas gentes.

É na sequência das insídias perpetradas pelos regedores que em muito obstaram à aliança com o Samorim, que no final do Canto VIII surgem as reflexões

do Poeta sobre o poder do dinheiro (*idem*, est. XCVI-XCIX) e os vis interesses que a tantos movem. O Comentador tomará a seu cargo amplificar as considerações de ordem moral trazidas por Camões, constituindo-se como testemunha de alguns casos práticos a que vai aludindo.

Ao capitão da armada, restará voltar à Pátria, sem ter logrado obter o vínculo desejado.

Informa-nos Faria e Sousa, a partir de João de Barros, que, já de retorno, Vasco da Gama escreverá ao Samorim, explicando-lhe que o ter levado consigo alguns “índios” outro intuito não tivera que não fosse o de os apresentar a D. Manuel. Tal cortesia diplomática não suscita nenhum comentário adicional nem sobre a grandeza do Gama, já várias vezes enaltecida, nem sobre a abertura que tal gesto pudesse potenciar em relações futuras. Talvez, porque se assim o fizesse, estaria a comentar um outro texto, que não o de Camões.

e) *Este Poema es un laberinto de imitaciones*

Entendemos o Comentador como um mediador entre o texto que comenta e os leitores a quem este se dirige. Mediador, também o é, pelo diálogo que propicia e, muitas vezes, sugere ou desvenda, a partir de diferentes textos, aqueles a quem *Os Lusíadas* imitam e destes são imitados.

Os Comentários ficam marcados, pois, por uma incessante indagação face ao cruzamento da epopeia com textos de múltiplos autores, inclusive os do próprio Camões, na sua lírica. Raramente o Comentador hesita na determinação dessas interações, com elas construindo redes de significados, por meio das quais sustenta paralelismos ou dissonâncias. A incerteza, a ocorrer, fica assinalada pelo “sospecho”, como quando, por exemplo, apontando Horácio, a propósito do comentário ao encontro entre o Capitão e Monçaide, afirma “sospecho se imita aqui aquello de Oracio, quando encontro insperadamente a Virgilio e otros amigos” (*idem*, C. VII, est. XXIX, 256 E, Tomo III).

Camões soube usar magistralmente a *imitatio* e foi ele próprio objeto de emulação. De Torquato Tasso, dirá Faria e Sousa, com convicção, empenhando a sua própria palavra, ter imitado Camões em muitos *loci*:

Já o “Juizio del Poema” assinalava o nome de Tasso, a quem Afonso de Ercilla, Francisco de la Torre e Lope de Vega haviam precedido na imitação camonianiana. Argumentando com as mais de quatrocentas notas nos Comentários que comprovam a imitação de Camões por Tasso, o comentarista consegue sugerir a “cortesia” do Poeta italiano e a justa gratidão devida ao Épico português por ter imitado o pai, Bernardo Tasso. Mas também é importante dizer que Faria e Sousa, não se limita a revelar a influência de Camões em Torquato Tasso, sustentando que este último o imitou sem nenhuma vantagem (*idem*, “Juizio del Poema”, XV, 75D).

Não obstante, será o “Grande Tasso” ainda, no “Julgamento do Poema”, a servir de argumento de autoridade a Faria e Sousa ao pretender desculpar uma opção menos feliz de Camões: a assonância no mesmo verso ou a repetição de uma dada palavra.

A colação entre o poema e os modelos anteriores também vive da apologia do Épico. A observação da superioridade d’*Os Lusíadas* é frequentemente feita pela declaração da sua capacidade ímpar de imitação: “no solamente igualava a los antiguos, sino que los excedia” (*idem*, C. IX, est. LXXXIII, 248 C, Tomo IV). Em Camões sobressai, ainda, a engenhosa mistura de catolicismo e paganismo, um domínio que não encontrou equivalente entre outros como Homero ou Virgílio (*idem*, C.VI, est. LXXXVI, 177E, Tomo III). O comentarista comparou, assim, o incomparável, como se Homero ou Virgílio pudessem participar desse universo cristão.

A leitura dos Comentários conclui que Camões foi até à época o que melhor imitou, aquele que na Europa foi pioneiro na imitação de Virgílio e de Homero.

Dizer que “(...) al fin este Poema es un laberinto de imitaciones.” (*idem*, C. VI, est. XXXII, 71E, Tomo III) constitui o garante da sublimidade camoniana, de que o Comentarista é poderoso protetor, pronto a enfrentar os censores.

Os Comentários oferecem no seu final uma vastíssima lista de autoridades que poderá ajudar-nos a perceber a dimensão do diálogo intertextual que o leitor é chamado a partilhar. Diziam Faria e Sousa que “todo este Poema no es outra cosa que una perpetua, i admirable concordancia de lugares, i Autores” (*idem*, CII, est. CIV 542 D, Tomo II).

Por ora, sem termos quantificado a frequência de autores citados, porque a tarefa se afigura hercúlea, poderemos, pelo menos, apontar, com alguma segurança, e, sem surpresa, que, para os passos que analisámos na viagem do Gama, são João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda e Damião de Góis (este, em menor grau), as fontes históricas privilegiadas por Faria e Sousa que parece não ter conhecido o manuscrito de Álvaro Velho. Ainda assim, não é simples a imitação que efetua o Poeta, um “grand transplantador de lugares” (C.II, est. XCIV, 525A, Tomo I), relativamente à verdade histórica, como tantas vezes o Comentarista adianta, sustentando a diferença entre Poesia e História. Mas é, também, consciente da literalidade na narração dos factos em momentos concretos da diegese, que os deixa por comentar, como por exemplo neste passo: “Como ya dixé, estas son las estancias que el Poeta en toda esta grande obra escrivio mas arrimadas a la historia, limpia de Poesia.” (*idem*, C. VIII, XCI, 520E, Tomo III).

Igualmente muito presente se encontra a *Eneida* de Virgílio, chamada ao cotejo em inúmeros passos.

Perspetivada a viagem de Vasco da Gama nos segmentos analisados, logo se tornará notória a maior sobriedade do comentarista no que diz respeito à sua

relação afetiva com o Poeta. A razão assenta, assim o cremos, no facto de estando-se perante dados factuais, serem menos suscetíveis de críticas as opções do Poeta.

Tê-lo-á conseguido? Duvidamo-lo, mas serão vozes singulares que o talento de Camões saberá silenciar. De outro tipo de silêncio, falou Hélio Alves, notando como o elogio de Camões por Faria e Sousa, fundando o «camonismo», se faz em detrimento de autores contemporâneos do Poeta, visando o aniquilamento de todos os que pudessem eclipsar a glória camoniana. (ALVES, p. 87).

Faria e Sousa que, além do comentário, igualmente empreendeu uma rede de afetos com o “seu” Poeta como o provam as infinitas expressões laudatórias ao autor de *Os Lusíadas*, terá definitivamente contribuído para a canonização do autor, um caminho irreversível que a passagem dos séculos não atenuou e que conheceu o seu apogeu com a celebração do terceiro centenário da morte do Poeta, em 1880, cujas repercussões se estenderam ao país irmão, o Brasil².

A asserção que se segue poderá, talvez, ajudar a reforçar a sacralização do poeta:

Le confirmamos en el asiento, que de justicia le toca, de ser el tercero del primer banco de los grandes, de nuestra mano derecha, esperando que Homero, i Virgilio, que son el primero, i el segundo, de cortesia le pondran entre si; i aun de obligacion por la honra que los hizo en imitar los mejor que ningun outro (...)” (SOUSA, C. III, est. CXXXIV, 211E, Tomo III).

Considerações finais

Percorremos uma linha de sentido norteadada pelos afetos e pelo diálogo. Começámos pela relação entre o Comentador, *Os Lusíadas* e o seu Poeta. Verificámos como o Comentador se envolve de forma iniludível e emotiva com o texto que comenta: o elogio, a admiração do Comentador, intensificam-se à medida que vai sendo necessário fazer cair por terra as diversas críticas. A medida do elogio é inversamente proporcional ao desprezo experimentado para com todos aqueles que ousaram criticar o Poeta: «Narcisos sin Ecos», cheios de jactância e de presunção (*idem*, C. IX, est. XXVII, 61D, Tomo IV). Tentando dissuadi-los, o Comentador dirigir-se-lhes-á amiúde, matizando o discurso entre a cortesia e a invetiva.

No que diz respeito à viagem, foi possível seguir o rumo dos navegadores, nele escolhendo momentos em que a amizade foi desabrochando de forma espontânea, ou não passou de aspiração vã.

² Um vasto programa de celebrações tinha começado a ser idealizado por uma comissão de escritores e jornalistas no início de 1880. Três séculos após a morte do poeta, esta comissão preparava-se para homenagear aquele que “symbolizando todas as aspirações da nacionalidade portuguesa, as suas glorias e os seus desastres.” (BRAGA, p. 16.), dava forças aos Republicanos que afrontavam o Regime, tirando partido das suas fraquezas e do seu distanciamento face às iniciativas populares.

No diálogo que os Comentários vão tecendo com outros textos e outros autores ficou claro o desígnio do Comentador: afirmar a supremacia camoniana relativamente à qualidade da sua imitação. A garantia dada é a da palavra do Comentador, aquele que não cita sem ler (*idem*, C. II, est. XCLII, 524A, Tomo I).

Faria e Sousa foi, nas palavras de Jorge de Sena, na Introdução à edição fac-similada d' *As Lusíadas de Luís de Camões commentadas par Manuel de Faria e Sousa*, aquele que "(...) elevou à mais gigantesca monumentalidade (...)" a obra camoniana (SENA, 1972, p. 9).

NASCIMENTO, M. T. Affects and Dialogue in Faria e Sousa's Comments to *Os Lusíadas*: Gama's travel in perspective. *Itinerários*, Araraquara, n. 57, p. 57-70, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *A few years after the Commentaries by Manoel Correia (1613) were published, the Lusíadas by Luis de Camoens commented by Manuel de Faria e Sousa (1639) emerge to reinforce and complement the pioneering work of the first Commentator. The small distance that separates these two works, if it is significant in terms of the interest devoted to the epic, is also revealing that the excellence of the poem justified that, in the wake of other authors such as Donato or Sérvio, for example, who had commented on Virgílio, also now Camões received equal recognition, through the pen of Faria e Sousa. This was dictated by, more than the individual interest of the Commentator, the certainty that the reception of the epic would be favored by its exegetical reading. In fact, interpretation, translation, philological research and comparison with different sources, with more or less accentuated relevance, assumed notable proportions, being able to play an important role in disseminating the work of the authors discussed. Guided by the theme of this Congress, we chose two of its terms: affections and dialogue. With the first, we will first analyze the relationship that is established between the Commentator and the commented text or with its author, Luís de Camões, and then we will move on to an intratextual analysis of the affects, as they are evident throughout the journey of the Gamma. As for the dialogue, it will be observed within the scope of the interconnection network of texts that flow into *Os Lusíadas* or derive from them.*

■ **KEYWORDS:** *Lusíadas. Faria e Sousa. Affections. Dialogue. Gama's Travel.*

REFERÊNCIAS

ALVES, Hélio. J. S. O camonismo: da sinagoga à cabala. *Floema* - Ano VI, n. 7, p. 75-100, jul./dez. 2010

BARROS, João de. **Década Primeira da Ásia de João de Barros dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terra do Oriente**, Quarta Edição revista e prefaciada por António Baião. Coimbra: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1932, Primeira Década.

BRAGA, Teófilo. **Bibliografia camoniana**. Lisboa: Imprensa de Cristóvão A. Rodrigues, 1880

CASTANHEDA, Fernão Lopes de. **Historia do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses**. 3ª edição, conforme a edição *princeps*. revista e anotada por Pedro de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924, Livros I e II.

GÓIS, Damião de. **Crónica Do Felicíssimo Rei D. Manuel**. Ed. nova / conforme a de 1566 Coimbra : Universidade, 1949-1955

SOUSA, Manuel de Faria e. **Lusiadas de Luis de Camoens**...Comentadas por Manuel de Faria e Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real. En Madrid : por Iuan Sanchez : a costa de Pedro Coello, mercador de libros, 1639

SOUSA, Manuel de Faria e, **Lusiadas de Luís de Camões** Comentadas por [...] Manuel de Faria e Sousa, reprodução fac-similada pela edição de 1639, 2 vols., Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972

